

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC DIEGO RESENDE MIRANDA DE SOUZA

OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO:

Análise das Capacidades Relacionadas à Informação no Conflito Rússia e Ucrânia durante a anexação da península da Crimeia em 2014.

Rio de Janeiro

2024

CC DIEGO RESENDE MIRANDA DE SOUZA

OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO:

Análise das Capacidades Relacionadas à Informação no Conflito Rússia e Ucrânia durante a anexação da península da Crimeia em 2014.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (FN) Rafael Alves Rodrigues Ferreira

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por Sua proteção e por me guiar ao longo desse novo desafio.

À minha esposa, por ser meu porto seguro, dando-me a força e a coragem necessárias para enfrentar os desafios e superar as adversidades.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a perseguir as minhas metas e objetivos e que foram meus primeiros exemplos. Obrigado pelos ensinamentos que forjaram o meu caráter e valores.

Aos meus companheiros da Turma Almirante Dodsworth e do C-EMOS 2024, agradeço pela convivência, apoio, amizade e pelo enriquecimento mútuo ao longo do curso.

Ao meu orientador, CF(FN) Rafael Ferreira, pelas instruções sempre assertivas e pela atenção dispensada durante toda a escrita deste trabalho.

RESUMO

O propósito desta pesquisa é analisar como as Operações de Informação foram conduzidas no conflito entre Rússia e Ucrânia durante o processo de anexação da Crimeia em 2014, com foco nas Capacidades Relacionadas à Informação, e seu impacto nos resultados do conflito. A relevância do tema está na necessidade de compreender como a manipulação da informação através de guerra cibernética, comunicação social e operações psicológicas pode influenciar o desfecho de conflitos armados. Para alcançar esse objetivo, a metodologia empregada foi um estudo de caso fundamentado em pesquisa bibliográfica e análise documental. O trabalho baseou-se na análise das Capacidades Relacionadas à Informação utilizadas pela Rússia durante o conflito, visando entender como essas operações influenciaram a dinâmica militar e política. Após interrelacionar as capacidades utilizadas com o evento histórico, percebeu-se como a combinação eficaz de Operações de Informação efetuadas pela Rússia desempenhou um papel crucial no sucesso da anexação da Crimeia. A pesquisa também comparou essas táticas com a doutrina de Operações de Informação da Marinha do Brasil, proporcionando lições para o aprimoramento de suas capacidades.

Palavras-chave: Operações de Informação. Guerra Cibernética. Comunicação Social. Operações Psicológicas. Conflito Rússia-Crimea.

ABSTRACT

Information Operations: analysis of the information-related capabilities in the 2014 Russia-Crimea conflict

The purpose of this research is to analyze how information operations were conducted in the conflict between Russia and Ukraine during the annexation of Crimea in 2014, focusing on Information-Related Capabilities and their impact on the conflict's outcomes. The relevance of this topic lies in the need to understand how the manipulation of information through cyber warfare, social communication, and psychological operations can influence the outcomes of armed conflicts. To achieve this objective, the methodology employed was a case study based on bibliographic research and document analysis. The work was based on the analysis of Information-Related Capabilities used by Russia during the conflict, aiming to understand how these operations influenced the military and political dynamics. By interrelating this procedure with the historical event, it was observed how the effective combination of information operations carried out by Russia played a crucial role in the success of the annexation of Crimea. The research also compared these tactics with the information operations doctrine of the Brazilian Navy, providing lessons for the enhancement of its capabilities.

Keywords: Information Operations. Cyber Warfare. Social Communication. Psychological Operations. Russia-Crimea Conflict.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ComSoc	–	Comunicação Social
CRI	–	Capacidades Relacionadas à Informação
EUA	–	Estados Unidos da América
MB	–	Marinha do Brasil
NSA	–	Agência de Segurança Nacional dos EUA (<i>National Security Agency</i>)
OpInfo	–	Operações de Informação
OpPsc	–	Operações Psicológicas
OTAN	–	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OWI	–	<i>Office of War Information</i>
TIC	–	Tecnologia da Informação e Comunicações
URSS	–	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO.....	10
2.1 A EVOLUÇÃO DA GUERRA.....	10
2.2 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO	13
2.3 DOCTRINA DA MARINHA DO BRASIL	15
2.4 CAPACIDADES RELACIONADAS À INFORMAÇÃO (CRI).....	16
2.4.1 Operações Psicológicas	17
2.4.2 Comunicação Social	18
2.4.3 Ações Cibernéticas	18
2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	19
3 O CONFLITO ARMADO RÚSSIA E CRIMEIA	20
3.1 ANTECEDENTES DO CONFLITO.....	21
3.2 CRONOLOGIA DOS EVENTOS	23
3.3 CAPACIDADES RELACIONADAS À INFORMAÇÃO OBSERVADAS	25
3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	27
4 ANÁLISE DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NO CONFLITO	28
4.1 ANÁLISE DAS PRINCIPAIS CRI.....	28
4.1.1 Comunicação Social	28
4.1.2 Operações Psicológicas	32
4.1.3 Ações Cibernéticas	34
4.2 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	37
5 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais conectado e onde a informação circula em velocidade surpreendente e com difícil controle, torna-se essencial analisar os conflitos armados sob a perspectiva das Operações de Informação (OpInfo), bem como seu impacto sobre os resultados desses conflitos. Assim, de modo mais específico, a manipulação da informação, seja por meio da guerra cibernética, da comunicação social ou das operações psicológicas, desempenha um papel crucial na dinâmica de poder e na percepção pública dos eventos. Este trabalho se propõe a investigar como as OpInfo foram conduzidas no conflito entre Rússia e Ucrânia durante a anexação da península da Crimeia em 2014, e, delimitadamente, busca-se proporcionar uma análise das Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) empregadas e suas consequências no cenário geopolítico.

A pesquisa busca responder como essas operações foram executadas, quais Capacidades Relacionadas à Informação foram utilizadas e qual foi o impacto dessas ações no contexto militar e político do momento. A hipótese central é que as OpInfo desempenharam um papel decisivo no sucesso da Rússia em anexar a Crimeia, utilizando uma combinação eficaz de guerra cibernética, comunicação social e operações psicológicas, entre outras capacidades relacionadas à informação, para desestabilizar a Ucrânia e influenciar a opinião pública internacional.

A relevância deste estudo é justificada por várias razões. Primeiramente, o conflito entre Rússia e Crimeia é um exemplo contemporâneo da forma que OpInfo podem ser usadas como uma ferramenta estratégica eficaz em conflitos armados. Além disso, a análise deste caso fornece lições valiosas para a Marinha do Brasil (MB) e outras forças armadas sobre a importância de desenvolver e aperfeiçoar suas capacidades e doutrina de OpInfo. Compreender as táticas empregadas pela Rússia pode ajudar a formular melhores estratégias de defesa e resposta em futuros conflitos.

Sendo assim, o objetivo geral desta dissertação é analisar as OpInfo no conflito entre Rússia e Ucrânia durante a anexação da península da Crimeia em 2014, com foco nas Capacidades Relacionadas à Informação. Os objetivos específicos incluem: identificar e descrever as OpInfo conduzidas pela Rússia durante o conflito; analisar o impacto dessas ações na opinião pública e nos desdobramentos militares e políticos do conflito; e analisar as táticas empregadas pela Rússia de acordo com a doutrina de OpInfo adotada pela Marinha do Brasil.

A metodologia deste estudo é de natureza aplicada, com o propósito de investigar a influência das OpInfo no conflito Rússia-Crimeia. A pesquisa é predominantemente qualitativa, fundamentada na análise de casos e na compreensão das práticas e estratégias adotadas por ambos os lados do conflito. O objetivo é descritivo e exploratório, buscando compreender os desafios enfrentados e analisar as OpInfo no conflito. O método empregado é dedutivo-indutivo, partindo de teorias sobre OpInfo e construindo análises a partir de estudos de casos específicos. Os procedimentos técnicos incluem revisão bibliográfica e análise documental, onde serão analisadas fontes primárias e secundárias, incluindo relatórios, artigos acadêmicos, documentos oficiais e declarações públicas. A abordagem inclui exemplos de utilização das táticas e práticas russas e como elas se enquadram na doutrina da MB.

Para isso, a dissertação está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo trata da introdução e apresenta tema, delimitação, problemática, hipótese, justificativa, objetivos, metodologia e estrutura do trabalho. O segundo capítulo explora os fundamentos das OpInfo, incluindo a evolução do conceito de guerra e a doutrina empregada pela Marinha do Brasil. O terceiro capítulo fornece uma contextualização histórica e cronológica do conflito armado entre Rússia e Ucrânia durante a anexação da península da Crimeia, ocorrido em 2014, destacando aspectos relacionados às OpInfo. O quarto capítulo analisa as táticas empregadas no conflito, com foco em três Capacidades Relacionadas à Informação (CRI): operações psicológicas, comunicação social e ações cibernéticas. Finalmente, o quinto capítulo apresentará as conclusões da pesquisa. Assim, apresentamos a seguir os fundamentos das operações da informação a serem utilizados.

2 FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

O presente capítulo propõe-se a explicar os fundamentos das OplInfo, sua transformação em virtude da evolução dos conflitos e seus principais componentes, além de descrever a doutrina empregada pela Marinha do Brasil. À medida que os conflitos se tornaram mais complexos e a tecnologia avançou, as OplInfo emergiram como um elemento essencial da guerra moderna, moldando percepções, influenciando decisões e alterando o curso dos conflitos de maneira decisiva.

As OplInfo abrangem um conjunto de atividades que um indivíduo, grupo ou Estado utiliza para afetar a informação e os sistemas de informação do adversário enquanto protege seus próprios sistemas. Esses esforços podem incluir propaganda, guerra cibernética, operações psicológicas e outras formas de manipulação da informação para obter vantagens estratégicas (Barboza; Teixeira, 2020). A capacidade de controlar e influenciar a narrativa de um conflito pode ser tão poderosa quanto o uso direto da força militar, ou até mais.

Na Marinha do Brasil, a doutrina das OplInfo é desenvolvida com base em lições aprendidas e adaptações das práticas internacionais. A compreensão dos fundamentos dessas operações e sua aplicação prática é vital para assegurar a segurança e a soberania nacionais em um ambiente global cada vez mais dependente da informação e da tecnologia.

Este capítulo abordará uma visão abrangente das OplInfo, destacando sua evolução, componentes principais e a doutrina empregada pela Marinha do Brasil. Com o incremento da complexidade dos conflitos contemporâneos, a importância das OplInfo só tende a crescer, reafirmando seu papel crucial na estratégia de defesa moderna.

2.1 A EVOLUÇÃO DA GUERRA

A guerra tem evoluído ao longo do tempo, refletindo mudanças nas táticas, tecnologias e atores envolvidos. Essa evolução levou Clausewitz (1979, p. 33) a afirmar que:

A guerra então não é apenas um verdadeiro camaleão que modifica um pouco a sua natureza em cada caso concreto, mas é também como fenômeno de conjunto e relativamente às tendências que nela predominam uma

surpreendente trindade, em que se encontra antes de mais nada a violência original do seu elemento, o ódio e a animosidade que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois o jogo das probabilidades e do acaso que fazem dela uma livre atividade da alma e finalmente a sua natureza subordinada de instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura.

Para facilitar o estudo, Lind (2004) dividiu a guerra em gerações, cada uma identificada por mudanças significativas e características distintas. Compreender cada geração é fundamental para analisar a evolução dos conflitos armados ao longo da história. Dessa forma, surgiram as quatro gerações de guerra, que detalharemos melhor a seguir.

A guerra de primeira geração, que ocorreu aproximadamente entre 1648 e 1860, foi caracterizada principalmente pelo uso do “Princípio da Massa”, que se concentrava em reunir o máximo de força de combate em momentos e lugares críticos. Foi definida pela utilização de táticas de linha e coluna, envolvendo batalhas formais em campos organizados e estruturados. Havia uma distinção clara entre militares e civis, evidenciada pelo emprego de uniformes e pela ênfase na cultura da ordem (Lind, 2004).

A evolução das armas levou ao declínio das táticas de linha, criando uma desordem no campo de batalha. Isso deu origem à guerra de segunda geração, que ocorreu aproximadamente entre 1860 e a Primeira Guerra Mundial (1918). Nesse período, a solução encontrada foi o poder de fogo em massa, predominando o uso de fogos de artilharia indireta. O poder de fogo era cuidadosamente sincronizado e centralmente controlado, utilizando planos e ordens específicas para a infantaria, a artilharia e os tanques, configurando uma “batalha conduzida”, em que o comandante atuava como “maestro de uma orquestra” (Lind, 2004).

Na guerra de segunda geração, havia uma ênfase em procedimentos rígidos e na disciplina, prevalecendo sobre a iniciativa individual, o que limitava a criatividade e dificultava a consecução dos objetivos. Esta fase da guerra foi marcada por ataques frontais e defesas estáticas devido à carência de mobilidade para manobras de flaqueamento e cerco. Durante este período, houve o surgimento de blindados e da aviação (Paiva, 2010).

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, se inicia a guerra de terceira geração. Esta fase, denominada guerra de manobras, é marcada pela utilização de movimentos rápidos e pelo emprego de tanques, aviões e poder de fogo pesado. Dado

que após a Primeira Guerra Mundial não havia uma indústria bélica de grande escala, os alemães criaram táticas inovadoras focadas na velocidade e no elemento surpresa, que ficaram conhecidas como *blitzkrieg*¹. Ao contrário da guerra de atrito, a guerra de manobra tinha como objetivo incapacitar o sistema de combate inimigo por meio da conquista de posições vantajosas, em vez de buscar o confronto direto (Lind, 2004).

Com o começo da corrida armamentista, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, a quarta geração da guerra foi iniciada em 1989. Esta geração é caracterizada pela natureza diversa dos adversários, em que forças armadas regulares enfrentam rebeldes, terroristas e revolucionários. Além disso, os conflitos ocorrem em meio à população civil e se expandem para as mídias tradicionais e digitais (Lind, 2004). Royal (2019) destaca que a principal mudança nessa geração é a finalidade do conflito: não se busca mais a destruição total do inimigo, mas, sim, forçá-lo a se dobrar e mudar de opinião.

Assim, diversos atores globais recorreram a táticas de guerra irregular² para se opor a inimigos mais poderosos. Organizações não estatais armadas e forças irregulares começaram a emergir, utilizando estratégias que visavam destruir a vontade de lutar do inimigo em vez de sua aniquilação física. Este enfoque inclui tanto operações militares diretas quanto guerra de informação através das mídias, buscando influenciar a opinião pública e desestabilizar o adversário (Fall, 2015).

Hoffman (2007) aponta que, na quarta geração da guerra, agentes não estatais são os principais atores desses conflitos, já que, ao empregarem uma série de meios convencionais e não convencionais – desinformação³, guerra cibernética, operações psicológicas⁴ – tornam-se capazes de influenciar significativamente no andamento do conflito e provocar a derrota do oponente.

Nesse contexto, juntamente com a quarta geração de conflitos, as OplInfo ganham destaque. Elas se apresentam como um meio de baixa letalidade, com

¹ Significa “guerra-relâmpago” em alemão e era a tática militar empregada pela Alemanha que consistia em utilizar forças móveis em ataques rápidos e de surpresa, com o objetivo de impedir que as forças inimigas tivessem tempo de organizar uma defesa eficaz.

² “O termo ‘guerra irregular’ será considerado como todo conflito armado executado por forças não regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais convencionais” (Brasil, 2015, p. 136).

³ “Técnica especializada utilizada para iludir ou confundir um centro decisor por meio da manipulação planejada de informações falsas ou verdadeiras, visando, intencionalmente, induzi-lo ao erro de avaliação” (Brasil, 2015, p. 89).

⁴ Ver item 2.4.1 deste trabalho.

aplicabilidade contínua e custo relativamente baixo, especialmente quando comparadas aos métodos que envolvem alta tecnologia. Paralelamente, englobando o conceito de OplInfo, surge também uma nova classificação para preencher a lacuna conceitual existente: a de guerra híbrida⁵.

2.2 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

As OplInfo têm desempenhado um papel crucial em conflitos ao longo da história, com suas táticas e tecnologias evoluindo significativamente desde as Guerras Mundiais até a era digital. Durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a coleta e disseminação de informações eram realizadas principalmente por meio de métodos tradicionais, como a interceptação de comunicações e a espionagem (Waltz, 1998).

Durante a Primeira Guerra Mundial, as OplInfo começaram a tomar forma moderna. A propaganda foi amplamente utilizada para influenciar a opinião pública e manter a moral das tropas e civis. Os governos dos países envolvidos na guerra criaram departamentos específicos para disseminar propaganda, como o Comitê de Informação Pública dos Estados Unidos da América. As técnicas incluíam cartazes, filmes, discursos e panfletos, todos projetados para fortalecer o apoio à guerra e demonizar o inimigo (Winkler, 2009).

A Segunda Guerra Mundial marcou um avanço significativo nas OplInfo. As técnicas de propaganda se tornaram mais sofisticadas e abrangentes, com ambos os lados envolvidos usando rádio e filmes como ferramentas principais. Como exemplo, observa-se a Alemanha nazista, sob a liderança de Joseph Goebbels, que implementou um dos sistemas de propaganda mais eficazes da história, utilizando rádio, cinema e impressos para espalhar sua ideologia e manipular a opinião pública. Já nos Estados Unidos da América (EUA), o *Office of War Information* (OWI) coordenou a produção de filmes e programas de rádio específicos para apoiar o esforço de guerra (McCloskey, 1987).

Durante a Guerra Fria, as OplInfo se tornaram ainda mais sofisticadas, com um foco crescente em guerra psicológica, propaganda e espionagem cibernética, e evoluíram para incluir espionagem, contrainteligência e operações psicológicas. A rivalidade entre os EUA e a União Soviética levou a uma luta constante pelo controle

⁵ Uso sincronizado de múltiplos instrumentos de poder, adaptados a vulnerabilidades específicas em todo o espectro das funções sociais, para alcançar efeitos sinérgicos (MCDC, 2017).

da narrativa global. Ambos os lados utilizaram a mídia de massa, literatura, arte e cinema para promover seus ideais políticos e desacreditar o adversário, além de influenciar a opinião pública e obter vantagens estratégicas. A Voz da América (*Voice of America*) e a Rádio Europa Livre (*Radio Free Europe*) foram exemplos de iniciativas estadunidenses para disseminar informações pró-ocidentais nos países do bloco soviético. A criação da Agência de Segurança Nacional (NSA) nos EUA e da KGB⁶ na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) exemplificam a institucionalização das OplInfo como um componente integral das políticas de segurança nacional. Durante esse período, a corrida armamentista foi acompanhada por uma corrida tecnológica na coleta e análise de informações, marcando uma nova era de vigilância global e espionagem eletrônica (Waltz, 1998).

Com o advento da tecnologia digital e da internet, as OplInfo passaram por uma transformação radical. A digitalização permitiu a transmissão e o processamento de dados em uma escala e velocidade sem precedentes, possibilitando a disseminação de informações em tempo real e o alcance global. Tecnologias como a internet, satélites de comunicação e redes de computadores revolucionaram a maneira como as informações são coletadas, analisadas e disseminadas (Waltz, 1998).

A capacidade de obter e distribuir informações em tempo real, além do alcance global dessas tecnologias, ampliou enormemente o impacto das OplInfo. Hoje, a guerra cibernética, a manipulação de mídia social e as campanhas de desinformação são ferramentas comuns, demonstrando como a evolução tecnológica continua a moldar o campo das OplInfo. As inovações na tecnologia digital não só facilitaram a divulgação de informações, mas também aumentaram a complexidade e a sofisticação das operações, tornando-as um componente essencial da estratégia de segurança nacional contemporânea (Waltz, 1998).

Em suma, as OplInfo evoluíram significativamente ao longo da história, adaptando-se às mudanças tecnológicas e contextos geopolíticos. Desde a utilização de métodos tradicionais de propaganda e espionagem nas duas Guerras Mundiais até a sofisticada guerra psicológica e espionagem cibernética da Guerra Fria, essas operações se tornaram uma parte vital das estratégias de segurança nacional. No cenário atual, a digitalização e a internet transformaram radicalmente essas práticas,

⁶ Em russo, *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti*, a principal organização de serviços secretos da União Soviética, desempenhando suas funções entre 13 de março de 1954 e 6 de novembro de 1991.

ampliando seu alcance e impacto, tornando a manipulação de mídia social e as campanhas de desinformação ferramentas comuns nas OpInfo.

2.3 DOCTRINA DA MARINHA DO BRASIL

Nas seções anteriores, foi possível observar a evolução da guerra e a importância da informação, além da possibilidade do seu uso como uma “nova arma” no combate no contexto das guerras modernas, dentro do conceito de guerra híbrida. Sendo assim, iremos contextualizar como a Marinha do Brasil (MB) estrutura sua doutrina de acordo com o EMA-335: Doutrina de Operações de Informação (Brasil, 2018). Antes de iniciar a definição de OpInfo para a MB, faz-se necessário definir primeiro o entendimento de alguns conceitos principais. Dessa forma, define-se Ambiente Operacional como “conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço em que atuam as forças militares e que afetam e interferem na forma como são empregadas” (Brasil, 2015, p. 27). Este ambiente é dividido em três dimensões: a física, a humana e a informacional (Brasil, 2018).

De acordo com o EMA-335 (Brasil, 2018, p. 2-3), “dimensão informacional é o conjunto de indivíduos, organizações e sistemas no qual tomadores de decisão são utilizados para obter, produzir, difundir e atuar sobre a informação”.

Deduz-se, então, que, com a evolução da guerra, o ambiente operacional também evoluiu, bem como as alterações no âmbito dos conflitos e o crescimento do uso da internet, meios de informação e comunicação, muito facilitados pela globalização. Sendo assim, verificamos que houve uma necessidade de evolução da análise do Ambiente Operacional da dimensão física para a dimensão informacional.

Pode-se deduzir, então, que “as OpInfo visam inserir a dimensão informacional dentro de um planejamento militar” e que “são conduzidas desde o tempo de paz, a fim de formatar a dimensão informacional para que seja favorável à Força” (Brasil, 2018, p. 1-4).

Por sua vez, a dimensão informacional é composta de três perspectivas: a física, a cognitiva e a lógica. As OpInfo podem atuar em qualquer uma destas para influenciar e afetar a decisão do adversário (Brasil, 2018).

Segundo a doutrina, a perspectiva física é a infraestrutura facilitadora da transmissão, do armazenamento e da recepção de informações, como jornais e computadores. Já a perspectiva lógica inclui os meios que permitem que o conteúdo

e o fluxo de dados sejam coletados, processados, armazenados e disseminados (Brasil, 2018).

Por último, a perspectiva cognitiva abrange as mentes individuais e coletivas, suas crenças, vulnerabilidades, emoções, experiências, saúde mental e ideologias, ou seja, todos que agem e são afetados pelos fluxos de informação (Brasil, 2018). Chega-se, então, na definição de OplInfo prevista na doutrina da MB (Brasil, 2018, p. 2-6-2-7):

Consistem na coordenação do emprego integrado das Capacidades Relacionadas à Informação, em contribuição a outras operações ou mesmo compondo o esforço principal, para informar e influenciar pessoas ou grupos hostis, neutros ou favoráveis, capazes de impactar positivamente ou negativamente o alcance dos objetivos políticos e militares, bem como para comprometer o processo decisório dos oponentes ou potenciais oponentes, enquanto garantindo a integridade do nosso processo.

Cabe destacar a diferenciação entre OplInfo e Guerra de Informação. Enquanto as OplInfo ocorrem antes do conflito, com ações mais discretas, a Guerra de Informação engloba ações mais abertas para controlar a narrativa e influenciar a população em tempos de guerra (Brasil, 2018). Para finalizar o entendimento do conceito, faz-se necessária a definição de Capacidades Relacionadas à Informação.

2.4 CAPACIDADES RELACIONADAS À INFORMAÇÃO (CRI)

As Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) são:

Aptidões requeridas para afetar a capacidade de oponentes ou potenciais adversários de orientar, obter, produzir e difundir informações, em qualquer uma das três perspectivas da dimensão informacional (física, cognitiva ou lógica) (Brasil, 2018, p. 2-6).

As CRI têm como objetivo apoiar as OplInfo ao influenciar a percepção dos oponentes e potenciais adversários, bem como proteger as próprias forças. Funcionam através de ações coordenadas e integradas para criar confusão, desinformação ou manipulação do comportamento do adversário, e para assegurar a proteção das informações sensíveis. Cada capacidade possui um conjunto de atividades específicas que são realizadas de maneira sincronizada para maximizar o impacto nas operações militares e nas campanhas de OplInfo (Brasil, 2018).

As CRI incluem Operações Psicológicas, Guerra Eletrônica, Despistamento, Ações Cibernéticas, Segurança da Informação, Destruição Física e Comunicação Social. É importante salientar que as OpInfo não se limitam ao emprego de uma lista de CRI. As OpInfo devem integrar capacidades, sejam elas quais forem, e ser usadas para efeitos na dimensão informacional e no processo de tomada de decisão (Barboza; Teixeira, 2020).

Cabe salientar que, apesar de ser extremamente importante, a atividade de Inteligência não é considerada uma CRI porque não atua diretamente sobre a dimensão informacional, mas, sim, fornece suporte essencial às OpInfo e outras operações militares. Ela se concentra em entender o oponente e fornecer informações críticas para o planejamento e a execução das operações, funcionando como uma atividade de assessoria que alimenta as CRI com dados necessários para uma tomada de decisão eficaz (Brasil, 2018).

A fim de facilitar a futura análise do conflito armado Rússia e Ucrânia durante o processo de anexação da Crimeia em 2014, objeto deste trabalho, algumas CRI serão mais bem detalhadas a seguir.

2.4.1 Operações Psicológicas

As Operações Psicológicas (OpPsc) “buscam estimular e reforçar a dedicação dos Públicos-Alvo (Pub A) amigos/simpatizantes a nossa causa; e ganhar o apoio e a cooperação de Pub A neutros ou indecisos” (Brasil, 2018, p. 3-7). Essas operações buscam afetar o estado mental, a moral e a tomada de decisões de adversários, aliados e neutros. No contexto das OpInfo, as OpPsc são fundamentais para comprometer a liderança inimiga, induzir insegurança, desmoralização, e influenciar a percepção da realidade pelo oponente (Brasil, 2018).

As OpPsc atuam através de mensagens e ações que são cuidadosamente planejadas para alcançar os efeitos desejados sobre os públicos-alvo. Essas operações utilizam diversos meios de comunicação, como rádio, televisão, internet e propaganda impressa para disseminar informações. A coordenação com outras capacidades relacionadas à informação é crucial para garantir a eficácia das OpPsc. Um exemplo típico é o uso de mensagens de desinformação para criar confusão e incerteza entre as tropas inimigas, levando-as a tomar decisões erradas que beneficiem as forças amigas (Brasil, 2018).

2.4.2 Comunicação Social

A inclusão da comunicação social no ambiente operacional é de fundamental importância, uma vez que se equiparou em relevância às demais CRI, impulsionada pelos avanços tecnológicos. Esses avanços ampliaram significativamente a capacidade de exercer influência sobre o público.

Nesse contexto, o controle da narrativa torna-se essencial, considerando que a Comunicação Social (ComSoc) “é o conjunto de atividades desenvolvidas com o intuito de influenciar a opinião pública, buscando garantir a correta percepção da instituição e a sua aceitação pela sociedade” (Brasil, 2018, p. 3-11). Em uma guerra pela influência, o objetivo é fazer com que o público-alvo adote comportamentos, previamente analisados, que favoreçam os interesses de quem emite a mensagem.

Para tal, a doutrina da MB considera que a CRI de ComSoc compreende as atividades de Assessoria de Imprensa, Relações Públicas⁷ e Publicidade⁸. Assim, neste trabalho, iremos utilizar o termo ComSoc considerando todas essas atividades.

2.4.3 Ações Cibernéticas

As ações cibernéticas envolvem o emprego de ferramentas e técnicas no campo da Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) para desestabilizar os ativos de informação do inimigo, do mesmo modo que proteger os ativos próprios. Essas ações ocorrem no espaço cibernético, um domínio operacional que permeia os espaços terrestre, marítimo e aeroespacial, tornando-se essencial em operações militares modernas. As ações cibernéticas são classificadas em três tipos principais: ataque cibernético, proteção cibernética e exploração cibernética (Brasil, 2018).

As ações de ataque cibernético têm como objetivo interromper, degradar, corromper, destruir ou manipular informações em ativos de TIC de interesse do inimigo. Por outro lado, as ações de proteção cibernética focam na neutralização de ataques e na defesa contínua dos ativos de TIC das forças amigas, incluindo a detecção e mitigação de vulnerabilidades antes que possam ser exploradas pelo

⁷ “A atividade de Relações Públicas (RP) é o esforço deliberado, planejado e permanente, de estabelecer e manter um entendimento mútuo entre uma organização e o público, qualquer que ele seja” (Brasil, 2018, p. 3-11).

⁸ Publicidade “é a manipulação planejada da comunicação, visando promover comportamentos em benefício da anunciante que a utiliza” (Brasil, 2018, p. 3-11).

inimigo. A exploração cibernética visa obter uma consciência situacional do ambiente cibernético, subsidiando tanto ações ofensivas quanto a produção de conhecimento de inteligência (Brasil, 2018).

Exemplos notáveis de ações cibernéticas incluem ataques para desativar infraestruturas críticas do inimigo, como sistemas de comando e controle, instalações nucleares e redes de comunicação. Além disso, operações cibernéticas podem ser usadas para realizar propaganda e contrapropaganda, contribuindo para efeitos psicossociais que induzem insegurança e medo nos públicos-alvo adversários. A coordenação com outras CRI é crucial para maximizar a eficácia das operações cibernéticas, tornando-as uma ferramenta indispensável para alcançar superioridade informacional e vantagem estratégica em conflitos (Brasil, 2018).

2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Tendo explorado a evolução da guerra, o histórico e a evolução das OpInfo, bem como a doutrina da Marinha do Brasil e suas CRI, este capítulo conclui destacando a relevância contínua dessas estratégias no teatro global. A análise precedente serve como um pilar para a compreensão dos eventos específicos do conflito entre Rússia e Ucrânia no que tange à anexação da Península da Crimeia. No próximo capítulo, será investigado o contexto específico do conflito, examinando como as teorias e práticas discutidas foram aplicadas para influenciar a dinâmica política e militar na região. Com esse exame, ilustra-se não apenas a aplicabilidade das OpInfo, mas também se avalia sua eficácia em um cenário de conflito real e suas implicações geopolíticas.

3 O CONFLITO ARMADO RÚSSIA E CRIMEIA

Neste capítulo, iniciaremos a abordagem do conflito ocorrido entre a Rússia e a Ucrânia envolvendo a península da Crimeia, a fim de realizar uma contextualização histórica e facilitar a compreensão das OpInfo realizadas nesse período histórico.

O conflito entre Rússia e Ucrânia que resultou na anexação da Crimeia em 2014 é um evento relativamente atual, mas com raízes históricas profundas e implicações geopolíticas significativas. A Crimeia, que historicamente fez parte do Império Russo e da União Soviética, foi transferida para a Ucrânia em 1954 devido a decisões políticas internas da URSS. Após a dissolução da União Soviética em 1991, a Crimeia tornou-se uma região autônoma dentro da Ucrânia, com uma população majoritariamente composta de etnia russa. A situação se agravou com a Revolução Ucraniana de 2014, que resultou na formação de um governo pró-Occidente em Kiev, levando a Rússia a anexar a Crimeia em março do mesmo ano. A Rússia justificou a anexação citando a necessidade de proteger os interesses dos russófonos e garantir a segurança estratégica da região (Makio; Fuccille, 2023).

O movimento foi amplamente condenado pela comunidade internacional como uma violação do direito internacional, resultando em uma série de sanções econômicas contra a Rússia. A Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Resolução A/RES/68/262 (UN, 2014), declarando a anexação como ilegal e o referendo como inválido, apelando à comunidade internacional para não reconhecer as mudanças no status da Crimeia (Gunawan *et al.*, 2020). De acordo com Gunawan *et al.* (2020, p. 212, tradução nossa), “a situação da Crimeia mostra como a lei internacional está confusa, contestada e caótica quando surgem reivindicações territoriais sobre estados independentes”⁹.

O conflito desencadeou uma crise mais ampla no leste da Ucrânia, onde se intensificaram os combates entre forças ucranianas e separatistas pró-Rússia, marcando um período de significativa instabilidade na região e realinhamentos estratégicos globais. A intervenção militar russa na Crimeia e o apoio aos separatistas no leste da Ucrânia exacerbaram as tensões internacionais, com a OTAN e a União Europeia reforçando sua presença na região em resposta às ações russas. Segundo Gunawan *et al.* (2020, p. 220, tradução nossa), “a intervenção russa viola claramente

⁹ Do original: “*The Crimean situation shows how confused, contested, and chaotic the state of international law is when territorial claims to independent states arise*”.

a soberania da Ucrânia e não está de acordo com o princípio de autodefesa”¹⁰, destacando a complexidade legal e política do conflito.

3.1 ANTECEDENTES DO CONFLITO

A Crimeia foi anexada ao Império Russo em 1783, consolidando-se como uma região de importância estratégica devido à sua localização no Mar Negro. Esta inclusão marcou o início de uma longa história de controle russo sobre a península, que se tornou vital para a projeção de poder naval da Rússia. A anexação inicial da Crimeia não apenas expandiu o território russo, mas também assegurou uma posição que a Rússia manteve e valorizou através dos séculos (Britannica, 2024).

Geograficamente, a Crimeia desempenha um papel importante no controle dos portos do Mar Negro, tornando-se um ativo estratégico significativo. Sua localização permite à Rússia projetar poder naval, controlar o tráfego marítimo na região e manter uma presença militar robusta. Além disso, facilita a dominação naval e oferece uma vantagem estratégica sobre outras nações, incluindo membros da OTAN¹¹ (Britannica, 2024).

Durante a era soviética, as relações entre Rússia e Ucrânia foram complexas e frequentemente tensas. Em 1954, Nikita Khrushchev¹² transferiu a Crimeia da Rússia para a Ucrânia, um gesto simbólico que se tornaria uma fonte de discórdia após o colapso da União Soviética. Naquele cenário, havia duas razões principais para essa transferência. A primeira estava relacionada a uma possível melhoria na eficiência administrativa, já que a Crimeia não faz fronteira com a Rússia, mas com a Ucrânia, além de a região ainda depender da Ucrânia para o fornecimento de eletricidade e água potável. A segunda razão pode estar ligada aos interesses pessoais de Nikita Khrushchev, cuja carreira política começou na Ucrânia soviética. Khrushchev via a região como sua base de apoio político e buscava agradar as lideranças locais, promovendo-as a cargos importantes em Moscou (Yekelchik, 2020).

¹⁰ Do original: “*Russia’s military intervention that led to the annexation of Crimea is an act that clearly violates the sovereignty of Ukraine and it is not in accordance with the principle of self-defense itself*”.

¹¹ A Organização do Tratado do Atlântico Norte é uma aliança militar intergovernamental que constitui um sistema de defesa coletiva através do qual os seus Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

¹² Político soviético que liderou a União Soviética durante parte da Guerra Fria como Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética de 1953 a 1964 e como presidente do Conselho de Ministros (ou primeiro-ministro) de 1958 a 1964.

Plokhy (2018) ressalta que, mesmo após o colapso soviético, as tensões entre os dois países persistiram, com a Rússia continuamente buscando manter influência sobre seu vizinho menor. A transferência da Crimeia foi inicialmente vista como um movimento administrativo menor dentro da União Soviética, mas ganhou significado geopolítico com a independência ucraniana logo após o colapso da ex-URSS (Plokhy, 2018).

Até aquele momento, a Ucrânia era vista como a segunda república soviética mais populosa e economicamente significativa, ficando atrás apenas da Rússia. Com a declaração de independência e a tentativa de se aproximar do Ocidente após o fim da URSS, a Ucrânia tornou-se uma peça crucial para os EUA. A independência da Ucrânia significava que a Rússia enfrentaria dificuldades em manter o controle sobre o Centro-Leste Europeu, semelhante ao controle que exercia durante a era soviética (Yekelchuk, 2020).

No entanto, ao herdar da ex-URSS o terceiro maior arsenal nuclear do mundo, sobre o qual não tinha controle operacional, a Ucrânia se viu sob pressão dos EUA e de outras grandes potências nucleares. Antes de avançar em uma aproximação mais concreta com essas nações, foi pressionada a assinar um acordo que visava devolver essas armas à Rússia para desmantelamento. Assim, em 1994, EUA, Reino Unido e Rússia assinaram o Memorando de Budapeste, que garantia a segurança e a integridade territorial da Ucrânia em troca da entrega do arsenal nuclear aos russos. No final da década de 1990, a Ucrânia tornou-se um dos principais destinos de ajuda financeira dos EUA (Yekelchuk, 2020).

Em 2013, a Rússia deu início a uma guerra comercial com a Ucrânia para pressionar o presidente ucraniano a desistir de assinar um acordo com a União Europeia (Plokhy, 2018). A decisão do presidente ucraniano Viktor Yanukovich de não assinar esse acordo de associação com a União Europeia desencadeou protestos em massa que culminaram na mudança de governo em Kiev. Assim, iniciaram-se, em novembro de 2013, os eventos da Euromaidan¹³, que foram catalisadores significativos para a crise entre Rússia e Ucrânia. A orientação pró-Ocidente do novo governo alarmou a Rússia, levando à intervenção na Crimeia. Segundo Plokhy (2018), a Euromaidan marcou um ponto de virada na política ucraniana, com a população

¹³ Euromaidan foi uma onda de manifestações e agitação civil ocorrida na praça Maidan, na capital da Ucrânia, entre 2013 e 2014. Os manifestantes exigiam maior integração europeia, além de providências quanto à corrupção no governo e a eventuais sanções por parte da Rússia.

expressando claramente seu desejo de se afastar da influência russa e se aproximar da Europa.

O controle da Crimeia pela Rússia tem implicações significativas para a segurança regional, especialmente em relação à OTAN e à presença militar no Leste Europeu. A anexação da Crimeia pelo governo russo, sob Vladimir Putin, foi vista como uma violação da soberania ucraniana e um desafio direto ao equilíbrio de poder na Europa Oriental, segundo Plokhy (2018).

Plokhy (2018) ainda destaca que esse movimento aumentou as tensões com a OTAN e reforçou a percepção de ameaça militar russa na região. O controle da Crimeia permite à Rússia projetar poder de maneira mais eficaz e ameaça diretamente a segurança dos países vizinhos. A ação não apenas reafirmou o controle russo sobre a Crimeia, mas também serviu como uma demonstração de poder e determinação política frente ao Ocidente.

3.2 CRONOLOGIA DOS EVENTOS

A crise da Crimeia teve início em fevereiro de 2014, quando forças pró-russas começaram a tomar edifícios governamentais na península da Crimeia, uma região autônoma da Ucrânia. Em 27 de fevereiro, homens armados, sem insígnias, ocuparam o parlamento da Crimeia e ergueram a bandeira russa. No mesmo dia, o parlamento da Crimeia demitiu o governo regional e nomeou Sergey Aksyonov como novo primeiro-ministro. Este, por sua vez, solicitou a ajuda da Rússia para “restaurar a ordem” na Crimeia (Shevchenko, 2014).

Em 16 de março de 2014, foi realizado um referendo na Crimeia, no qual 97% dos votantes escolheram a reunificação com a Rússia. No entanto, o referendo foi amplamente condenado pela comunidade internacional, que o considerou ilegal e realizado sob ocupação militar (Salem, 2014). Logo a seguir, em 18 de março de 2014, Vladimir Putin, presidente da Rússia, assinou um tratado de anexação da Crimeia à Federação Russa (Ukraine [...], 2014).

Plokhy (2018) menciona que Vladimir Putin justificou a anexação como uma correção histórica, argumentando que a Crimeia sempre pertenceu à Rússia e que sua separação foi uma injustiça histórica. Putin argumentou que:

A União Soviética desmoronou. Os acontecimentos se desenrolaram tão rapidamente que poucas pessoas perceberam quão verdadeiramente

dramáticos seriam esses eventos e suas consequências¹⁴ (Plokhy, 2018, p. 111, tradução nossa).

Nesse momento, a anexação da Crimeia pela Rússia provocou uma resposta global significativa. A União Europeia e os EUA responderam com sanções econômicas contra a Rússia. As sanções incluíram congelamento de bens e restrições de viagem para indivíduos e entidades russas envolvidas na anexação da Crimeia (Smale; Shear, 2014). Além disso, a Rússia foi excluída do G8¹⁵, como uma forma de isolar ainda mais o país economicamente e diplomaticamente (Roberts; Traynor, 2014).

Tanto a Rússia quanto a Ucrânia utilizaram a mídia e a informação como ferramentas estratégicas para moldar a percepção internacional e doméstica do conflito. A Rússia investiu fortemente em uma campanha de propaganda para justificar suas ações na Crimeia. Esta campanha incluiu a disseminação de narrativas sobre a legalidade da intervenção, alegando que estava protegendo os direitos dos cidadãos russos e dos russófonos na Crimeia (Subbotovska, 2015).

Por outro lado, a Ucrânia e seus aliados ocidentais utilizaram a mídia para condenar a anexação e destacar as violações do direito internacional, evidenciando a ilegalidade das ações russas e os abusos de direitos humanos. A mídia ocidental frequentemente caracterizou as ações da Rússia como uma agressão e uma violação da soberania ucraniana (Harding; Lewis, 2014).

As campanhas específicas de informação e desinformação desempenharam um papel crucial no conflito. A Rússia usou plataformas de mídia social e meios de comunicação estatais para espalhar desinformação e teorias da conspiração. Entre as narrativas disseminadas estavam a ideia de que a intervenção era uma resposta a um golpe fascista em Kiev e que havia ameaças diretas à população de etnia russa na Crimeia (Subbotovska, 2015).

Para a Crimeia, a anexação trouxe tanto mudanças administrativas quanto desafios econômicos. Quando a região foi incorporada como parte da Federação Russa, enfrentou problemas significativos, incluindo a interrupção das conexões com a Ucrânia continental, o que afetou severamente a economia local. Além disso, houve

¹⁴ Do original: “*The Soviet Union fell apart. Things developed so swiftly that few people realized how truly dramatic those events and their consequences would be*”.

¹⁵ G8, agora conhecido como G7, era um grupo formado por oito das maiores economias do mundo (Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Rússia), que se reuniam para discutir questões econômicas e políticas globais até a exclusão da Rússia em 2014.

um aumento nos preços e dificuldades na transição para o sistema jurídico e administrativo russo (Yekelchyk, 2020).

As campanhas de desinformação e contrainformação criaram um ambiente de dados contraditórios, complicando a compreensão internacional do que estava ocorrendo na Crimeia. Essas OplInfo demonstraram a importância das narrativas no contexto dos conflitos modernos e como elas podem influenciar a opinião pública e a política internacional.

3.3 CAPACIDADES RELACIONADAS À INFORMAÇÃO OBSERVADAS

Ao examinar a anexação da península da Crimeia pela Rússia em 2014, torna-se evidente que as OplInfo, explorando diversos aspectos das CRI, desempenharam um papel crucial para esse resultado.

Observamos que uma OplInfo pode ser organizada por um Estado para influenciar o processo decisório de outro. No caso da Crimeia, antes mesmo da presença visível das forças de operações especiais russas, a Rússia já estava engajada em uma guerra comercial contra a Ucrânia, iniciada em 2013. Este movimento estratégico teve como objetivo degradar a economia ucraniana, minar sua capacidade de reação a um conflito iminente e pressionar as lideranças políticas a afastarem-se da União Europeia e da OTAN (Yekelchyk, 2020).

A interrupção do fornecimento de gás à Ucrânia em 2014 é outro exemplo claro de desinformação e pressão econômica. Ao cortar o fornecimento de um recurso essencial, a Rússia não apenas prejudicou a economia ucraniana, mas também aumentou a insegurança energética do país. A ação visava criar um clima de incerteza e medo, enfraquecendo a moral pública e a confiança nas capacidades do governo ucraniano (Abbot, 2016).

Durante todo o conflito, a mídia desempenhou um papel central na estratégia russa para moldar a opinião pública tanto interna quanto externamente. As entrevistas concedidas por milicianos, compostas por forças de operações especiais russas, e a substituição de canais de TV ucranianos por canais russos, são exemplos claros de manipulação midiática. A intensificação de propaganda com conteúdo nacionalista e antiocidental, assim como a disseminação de informações pela internet e redes sociais, caracterizam a tentativa do governo russo de moldar a percepção pública em relação à anexação da Crimeia. Este procedimento não apenas visava formar uma

opinião pública favorável às ações russas, mas também promover a cultura russa, reforçando a ideia de que a Crimeia sempre foi parte da Rússia (Abbot, 2016).

Observa-se também uma grande ação em outra CRI, a guerra cibernética, quando o grupo *hacker*¹⁶ pró-russo *Cyber Berkut* realizou ataques contra importantes sítios da internet do governo ucraniano com o intuito de alterar ou destruir seu conteúdo, marcando o início de uma campanha de desinformação digital contra a Ucrânia (Abbott, 2016).

A disseminação de informações nas redes sociais, explorando a velocidade de disseminação desse meio, foi uma tática crucial. Perfis de figuras públicas no Twitter¹⁷ foram utilizados para divulgar opiniões favoráveis à Rússia, caracterizando um modelo aberto de manipulação da opinião pública. Esta abordagem permitiu que a Rússia ampliasse seu alcance e influenciasse a opinião pública global, ganhando apoio ou, pelo menos, semeando dúvidas sobre a legitimidade das ações ucranianas (Abbot, 2016).

A resposta da comunidade internacional à anexação da Crimeia incluiu uma série de sanções econômicas, declarações políticas e apoio direto à Ucrânia. As sanções econômicas visavam isolar a Rússia economicamente, pressionando-a a rever suas ações na Crimeia. As sanções incluíam restrições a transações financeiras, congelamento de ativos de indivíduos e empresas ligadas ao governo russo, como também proibições de viagens para certos líderes (Yekelchik, 2020).

As declarações políticas de líderes mundiais condenaram a anexação e reafirmaram o apoio à integridade territorial da Ucrânia (Yekelchik, 2020). Este tipo de resposta diplomática visava a criar uma frente unida contra as ações russas, demonstrando que a comunidade internacional não toleraria violações ao direito internacional e à soberania dos Estados.

O apoio direto à Ucrânia veio na forma de assistência financeira e militar. Diversos países e organizações internacionais forneceram ajuda financeira para estabilizar a economia ucraniana e fortalecer suas instituições. Além disso, houve o fornecimento de equipamentos militares e treinamento para as forças armadas

¹⁶ “Especialista em tecnologia da informação que coloca o próprio conhecimento a serviço da sociedade, criando ou modificando programas e equipamentos computacionais, seja desenvolvendo funcionalidades novas ou adaptando as antigas” (Brasil, 2015, p. 141).

¹⁷ Atual rede X, é uma rede social que permite se comunicar com os seus seguidores utilizando até 280 caracteres.

ucranianas, visando aumentar sua capacidade de defesa contra futuras agressões russas (Yekelchyk, 2020).

3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A análise da anexação da Crimeia revela que o emprego de CRI foi central na estratégia russa. A combinação de desinformação, manipulação midiática e interferência econômica reflete uma aplicação precisa das teorias de OplInfo. A Rússia utilizou uma variedade de táticas para desestabilizar a Ucrânia, influenciar a opinião pública e justificar suas ações na Crimeia. A resposta internacional, embora significativa, enfrentou desafios para conter a eficácia das táticas russas.

O emprego de OplInfo pela Rússia não apenas buscou influenciar a opinião pública dentro e fora da Ucrânia, mas também minou a capacidade de resposta do governo ucraniano, criando um ambiente de incerteza e medo. A manipulação dos meios de comunicação de massa e das redes sociais demonstrou como a informação pode ser uma arma poderosa no cenário moderno de conflitos.

Este estudo procurou exemplificar a complexidade e a eficácia das OplInfo na guerra moderna, destacando a necessidade de estratégias robustas de resposta por parte da comunidade internacional. O caso da Crimeia serve como um exemplo claro de como a manipulação da informação pode ser utilizada para alcançar objetivos políticos e territoriais, destacando a importância da preparação para enfrentar tais desafios no futuro.

Este capítulo forneceu uma contextualização histórica e cronológica do conflito armado entre Rússia e Ucrânia durante a anexação da península da Crimeia, ocorrido em 2014, destacando aspectos relacionados às OplInfo. No próximo capítulo, será realizada uma análise dessas operações, discutindo seu impacto duradouro na estabilidade regional e nas políticas internacionais.

4 ANÁLISE DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NO CONFLITO

A crença na influência da opinião pública está profundamente enraizada na mente da liderança russa, que atua sob a premissa de que a opinião pública pode ser efetivamente influenciada para atingir os objetivos desejados, tanto internamente quanto no exterior. A Rússia tem se esforçado para promover sua narrativa interna não só na Ucrânia, mas em todo o globo, utilizando também as características únicas do ciberespaço. Desta forma, à medida que a crise se agravou no início da primavera de 2014, as OplInfo tiveram um papel relevante na anexação da península da Crimeia à Federação Russa, bem como na continuidade da crise (Jaitner; Mattsson, 2015).

A análise crítica das OplInfo no contexto do conflito entre Rússia e Crimeia revela importantes constatações sobre a eficácia e os desafios dessa estratégia no meio militar. Essas OplInfo, que incluem táticas de comunicação social, operações psicológicas e guerra cibernética, desempenharam um papel crucial ao moldar percepções e influenciar decisões tanto localmente quanto globalmente. Este capítulo examina algumas CRI observadas durante as operações, identificando suas características e relacionando com a doutrina empregada pela MB.

4.1 ANÁLISE DAS PRINCIPAIS CRI

De acordo com Jaitner e Mattsson (2015), os eventos que levaram à anexação da Crimeia dentro do conflito em questão, desde a tomada do parlamento em *Simferopol* e o desmantelamento da presença militar ucraniana na península, até o referendo contestado e a anexação de fato da área pela Rússia, foram acompanhados por uma intensa atividade na busca do controle do fluxo de informações. Essa atividade abrangeu todo o espectro de comunicação, explorando diversas CRI direcionadas às camadas físicas, lógicas e sociais da comunicação, entre elas, ações de comunicação social, cibernéticas e OpPsc.

4.1.1 Comunicação Social

A ComSoc é uma das CRI amplamente explorada no conflito, especialmente por meio do uso da mídia para manipulação da narrativa. É importante destacar seu potencial para englobar e utilizar de forma conjunta outras CRI, incluindo as

Operações Psicológicas (OpPsc). No entanto, neste trabalho, tentaremos separar essa análise falando estritamente sobre a mídia e sua influência da opinião pública, para depois realizar uma análise das OpPsc no contexto do conflito.

Nos últimos anos, o cenário da mídia russa passou por mudanças significativas, com uma notável diminuição da liberdade de imprensa desde a reeleição de Putin em 2012. Poucos veículos de comunicação promovem debates políticos críticos, pois muitos são controlados pelo Kremlin, seja por meio de empresas estatais ou de proprietários alinhados ao governo. Com o avanço tecnológico, a mídia tradicional se expandiu para novas plataformas de comunicação e muitos jornais, rádios e canais de TV agora estão presentes na internet. O mais recente projeto de mídia russo, o Sputnik¹⁸, também está bem integrado tecnicamente e foi criado para combater a propaganda que promove um mundo unipolar (Jaitner; Mattsson, 2015).

Um exemplo prático de manipulação da mídia é que, desde o início da crise, a mídia tradicional russa alinhada ao Kremlin retratou negativamente o Euromaidan e o comportamento do governo em Kiev. Nesse sentido, a mídia russa afirmou que centenas de refugiados estavam deixando a Ucrânia para buscar asilo na Rússia devido à brutalidade ucraniana contra a população de língua russa. Em vários casos, esses relatos foram acompanhados por fotos e vídeos da fronteira ucraniano-polonesa, e não da fronteira ucraniano-russa. Entre outras imprecisões, a rede de televisão RT¹⁹ relatou que a tripulação da Fragata da Marinha ucraniana *Hetman Sahaydachniy* (U130) havia desertado e o navio estava navegando sob a bandeira da Marinha russa (Jaitner; Mattsson, 2015).

Essas foram estratégias deliberadas para desacreditar o governo ucraniano e justificar a intervenção russa. Tais táticas mostram como o controle e manipulação da narrativa pode criar um ambiente de confusão e incerteza, facilitando a aceitação das ações do governo russo tanto internamente quanto internacionalmente.

¹⁸ Programa de mídia parte do conglomerado Rossiya Segodnya com o objetivo de apresentar a cultura russa ao mundo, porém considerado arma de propaganda pró-Kremlin por analistas políticos (Nimmo, 2016).

¹⁹ RT (anteriormente Russia Today ou Rossiya Segodnya; em russo: Россия Сегодня) é uma rede internacional de televisão de notícias controlada pelo Estado russo e financiada pelo governo da Rússia (Pisnia, 2017).

Assim, a organização *NewsGuard*²⁰ realizou uma compilação de 10 notícias, consideradas mitos, que foram reportadas pela mídia sobre a guerra envolvendo Rússia, Ucrânia e a península da Crimeia. Entre eles destacam-se:

- [...] 1. “Residentes de língua russa na região de Donbas, na Ucrânia, foram submetidos a genocídio.” A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa não encontrou evidências disso. [...]
4. “A Rússia não atacou a infraestrutura civil na Ucrânia no início da invasão.” Um dia após a invasão, a Anistia Internacional documentou pelo menos três ataques militares russos em áreas civis na Ucrânia. [...]
6. “O Ocidente orquestrou um golpe para derrubar o governo pró-Rússia na Ucrânia em 2014.” Não há evidências que apoiem a teoria de que a revolução Maidan de 2014 na Ucrânia foi um golpe organizado por países ocidentais.
7. “Os EUA têm uma rede de laboratórios de armas biológicas na Europa Oriental.” As alegações são baseadas em uma interpretação errônea do Programa de Redução de Ameaças Biológicas do Departamento de Defesa dos EUA.
8. “A OTAN tem uma base militar em Odesa, no sul da Ucrânia.” Bases militares estrangeiras não são permitidas na Ucrânia.
9. “A Crimeia se uniu à Rússia legalmente.” A Assembleia da ONU declarou que o referendo de 2014 que apoiou a união da Crimeia à Rússia foi ilegítimo.
10. “A Ucrânia moderna foi inteiramente criada pela Rússia comunista. A herança compartilhada entre Rússia e Ucrânia remonta a mais de 1.000 anos” (Milmo, 2022, tradução nossa)²¹.

Em muitos casos, é difícil distinguir entre as informações baseadas em fatos e o conteúdo criado e disseminado por indivíduos com base em suas próprias opiniões e experiências. Durante a crise, ativistas e combatentes pró-Rússia produziram e compartilharam vídeos, fotografias e testemunhos escritos, e continuam a fazê-lo. Uma vez que o conteúdo é disponibilizado na internet, ele se dissemina por vários canais, frequentemente sendo retirado de seu contexto original e recebendo um novo significado. Essa intensa atividade contribui para o que pode ser chamado de “névoa da guerra de informação”²², que promove a polarização entre os espectadores,

²⁰ NewsGuard é uma organização sediada nos EUA que monitora a confiabilidade de sites de notícias e informações (Stelter, 2018).

²¹ Do original: “1. ‘Russian-speaking residents in the Donbas region of Ukraine have been subjected to genocide’. The Organization for Security and Co-operation in Europe has found no evidence of this. [...] 4. ‘Russia did not target civilian infrastructure in Ukraine at the start of invasion.’ One day after the invasion, Amnesty International documented at least three Russian military attacks on civilian areas in Ukraine. [...] 6. ‘The west staged a coup to overthrow the pro-Russia Ukrainian government in 2014.’ There is no evidence supporting the theory that the 2014 Maidan revolution in Ukraine was a coup orchestrated by western countries. 7. ‘The US has a network of bioweapons labs in eastern Europe.’ The claims are based on a misrepresentation of the US Department of Defense’s Biological Threat Reduction Program. 8. ‘Nato has a military base in Odesa, southern Ukraine.’ Foreign military bases are not permitted in Ukraine. 9. ‘Crimea joined Russia legally.’ The UN Assembly declared a 2014 referendum that backed Crimea joining Russia was illegitimate. 10. ‘Modern Ukraine was entirely created by communist Russia. Russia and Ukraine’s shared heritage dates back more than 1,000 years.’”

²² Tradução nossa do termo original “the fog of information war”.

influenciando a capacidade de ação nos níveis políticos mais elevados (Jaitner; Mattsson, 2015).

Outro exemplo do papel central da mídia na estratégia russa foi quando *Spetsnaz*²³ concederam entrevistas e substituíram canais de TV ucranianos por canais russos, intensificando a propaganda com conteúdo nacionalista e antiocidental (Abbot, 2016). Além disso, a disseminação de informações através da internet e redes sociais foi utilizada para moldar a percepção pública, promovendo a cultura russa e reforçando a ideia de que a Crimeia sempre foi parte da Rússia (Jaitner; Mattsson, 2015).

Novamente observa-se que a desinformação desempenha um papel crítico ao introduzir incertezas e dúvidas, minando a confiança no governo e nas instituições. Essas ações não apenas confundem a percepção pública, mas também dificultam a resposta coordenada dos oponentes, tornando a desinformação uma ferramenta poderosa para influenciar a opinião popular e justificar intervenções militares.

Entretanto, observa-se que a ComSoc da MB deve manter um compromisso firme com a verdade, evitando o uso de informações falsas para preservar a imagem institucional e garantir a confiança do público (Brasil, 2018). Este compromisso ético e transparente contrasta com as práticas adotadas pela Rússia, onde a desinformação é frequentemente utilizada de maneira generalizada como ferramenta de manipulação. A MB, ao valorizar a integridade e a veracidade das suas comunicações, fortalece sua credibilidade e reafirma seu papel como uma instituição confiável e respeitável.

O uso da mídia e o controle da narrativa são componentes centrais nas OpInfo, pois têm a capacidade de moldar percepções, influenciar opiniões e alterar comportamentos. A importância desse controle e da obtenção da superioridade informacional torna-se evidente ao considerar o tempo, trabalho e recursos despendidos para convencer os espectadores da legitimidade dos veículos de mídia e da veracidade das informações por eles disseminadas. Esse esforço constante para dominar a narrativa não apenas fortalece a posição de quem a controla, mas também mina a credibilidade dos adversários, criando um ambiente de confusão e incerteza. Assim, a capacidade de influenciar a opinião pública e manipular a realidade percebida torna-se uma arma poderosa, essencial para o sucesso em conflitos modernos.

²³ Os *Spetsnaz* são forças especiais da Rússia, conhecidas por sua habilidade em realizar operações de alta complexidade e risco (Galeotti, 2023).

4.1.2 Operações Psicológicas

Em 2014, a guerra na Crimeia não foi formalmente declarada. Durante um período que ainda era considerado de paz, ações militares foram iniciadas por grupos de tropas russas que rapidamente ocuparam a península da Crimeia, forçando o exército ucraniano a mudar de lado ou abandonar seus postos. É crucial destacar que não ocorreram confrontos diretos entre as forças militares russas e ucranianas. Lange-Ionatamišvili (2014, p. 28, tradução nossa), exemplifica as ações das tropas e as consequências:

Os homens silenciosos, educados e não identificados, vestindo uniformes novos sem marcações e armados com armas sofisticadas, apareceram pela primeira vez no aeroporto de Simferopol nas primeiras horas de 28 de fevereiro. [...] A mensagem era surpreendentemente coordenada: estamos aqui para proteger, ajudar, vigiar e prevenir a violência. [...] Durante a operação, o presidente Putin e o ministro das Relações Exteriores, Lavrov, negaram qualquer relação entre esses homens armados sem uniforme e o exército russo. Embora um mês após a anexação da Crimeia o presidente Putin tenha admitido que as forças russas foram de fato enviadas à Crimeia para apoiar os grupos locais de autodefesa, isso já não importava²⁴.

As tropas russas, especialmente as *Spetsnaz*, aplicaram pressão psicológica sobre o exército ucraniano, cercando postos militares e mantendo soldados ucranianos como reféns sem acesso adequado a informações. Na Crimeia, eles realizaram ações subversivas de maneira silenciosa e rápida, apoiando a divisão da comunidade impulsionada pela propaganda e interrompendo o governo central de forma bem coordenada. A Ucrânia enfrentou pressão adicional devido aos exercícios militares repentinos das forças armadas russas perto da fronteira ucraniana e às suas verificações de prontidão de combate. Os *Spetsnaz* também se destacaram na cooperação com a população local pró-Rússia para contrabandear armas, criar formações separatistas e conduzir uma sofisticada campanha de OpInfo. Essas ações combinadas não só desestabilizaram as forças ucranianas, mas também reforçaram o controle russo sobre a região (Lange-Ionatamišvili, 2014).

²⁴ Do original: “*The silent, polite, unidentified men, wearing fresh unmarked uniforms and armed with sophisticated weapons first appeared at Simferopol airport in the early hours of 28 February. [...] The message from all of them was surprisingly coordinated: we are here to protect, to help, to guard, to prevent violence. [...] During the operation, President Putin and Foreign Minister Lavrov denied any relationship between these non-uniformed, armed men and the Russian army. Although a month after the annexation of Crimea, President Putin admitted that Russian forces had indeed been deployed to Crimea to support local self-defence groups, it already didn't matter.*”

Antes da própria crise com a Crimeia, a Rússia iniciou uma guerra comercial contra a Ucrânia em 2013 para degradar sua economia e pressionar as lideranças políticas a se afastarem da União Europeia e da OTAN (Yekelchuk, 2020). Em seguida, já em 2014, a Rússia cortou o fornecimento de gás à Ucrânia, aumentando a insegurança energética do país e criando um clima de incerteza e medo. É razoável lembrar também sobre a manipulação das eleições ucranianas de 2004, que antecedeu todo o conflito, mas já possibilitou ilustrar como a manipulação política pode ser uma ferramenta de guerra de informação (Abbot, 2016).

Nesse conflito, também foi possível observar que as tropas russas aplicaram pressão psicológica ao cercar postos militares ucranianos e manter soldados como reféns, privando-os de informações adequadas e criando um ambiente de incerteza e medo. Essas ações estão em linha com a doutrina das OpPsc, que visa comprometer a liderança inimiga, induzir insegurança e desmoralização, e influenciar a percepção da realidade pelo oponente (Brasil, 2018).

Allen e Moore (2018) constatam que a Rússia, ao empregar OpPsc, adquiriu com sucesso a Crimeia sem se envolver em combate físico direto. Ao realizar pressões econômicas, afetar a população de forma indireta com uma crise energética, influenciar o governo politicamente com manipulações de eleições, a Rússia conseguiu afirmar seu controle sobre a região sem a necessidade de um confronto militar convencional. O uso mínimo da força militar é evidenciado pelo número comparativamente baixo de vítimas, com apenas um único soldado ucraniano morto durante o processo de anexação. Isso contrasta fortemente com a significativa perda de vidas sofrida por aproximadamente 90 mil indivíduos, incluindo russos e alemães, que pereceram na mesma área geográfica, como resultado de conflitos militares durante o período tumultuado da Segunda Guerra Mundial.

A abordagem silenciosa utilizada pelas forças russas, aliada à cooperação com a população local pró-Rússia, demonstrou uma aplicação eficaz das OpPsc. Ao realizar ações rápidas e bem coordenadas, apoiadas pelas atividades de ComSoc já analisadas e pelo uso da propaganda, os russos conseguiram desestabilizar as forças ucranianas sem confrontos diretos. Isso criou uma vantagem estratégica significativa, já que a ausência de conflitos abertos reduziu a resistência e facilitou a ocupação da Crimeia.

4.1.3 Ações Cibernéticas

Na atualidade, as ações cibernéticas adquiriram uma importância crescente, impulsionadas pelos avanços tecnológicos e pelo impacto global das comunicações digitais. Assim, o domínio do ciberespaço torna-se um componente estratégico essencial, complementando as operações no campo de batalha informacional e no terreno físico. Como parte integrante e facilitadora das OplInfo, as ações cibernéticas têm desempenhado um papel fundamental nas táticas indiretas.

Especialistas e correspondentes da mídia afirmaram que a crise na Ucrânia em 2014 foi o maior campo de batalha de guerra cibernética desde os ataques cibernéticos da Rússia à Estônia em 2007 e à Geórgia em 2008 (Lange-Ionatamišvili, 2014).

Assim, o grupo anônimo voluntário pró-Rússia conhecido como *Cyber Berkut* surgiu após a dissolução da força de segurança *Berkut*²⁵ na Ucrânia, no final de fevereiro de 2014. Os alvos desse grupo não foram apenas o governo ucraniano, mas também os governos estrangeiros que o apoiavam. Foi o *Cyber Berkut* que divulgou as gravações de conversas telefônicas entre a funcionária do Departamento de Estado dos EUA, Victoria Nuland, a embaixadora dos EUA na Ucrânia, Catherine Ashton, e o ministro das Relações Exteriores da Estônia, Urmas Paet, em que eles discutiam a situação em Kiev após uma visita à Ucrânia e suas preocupações com o local. O objetivo do grupo era provar a fraca segurança das linhas de comunicação governamentais ocidentais, além de desacreditar os líderes ocidentais e dividi-los (Lange-Ionatamišvili, 2014).

Nesse mesmo contexto, o grupo *Cyber Berkut* enfrenta um oponente conhecido como *Cyber Hundred* (Киберсотня), um grupo pró-ucraniano cuja principal missão é combater a guerra de informação para proteger os interesses do Euromaidan. Suas atividades mais conhecidas incluem o *hacking* do site do canal de televisão RT e do jornal governamental *Russkaya Gazeta*, buscando atuar no contra-ataque à desinformação e controlar a narrativa para o lado ucraniano (Lange-Ionatamišvili, 2014). Assim, podemos observar que há atuação dos dois lados nas ações cibernéticas.

²⁵ Os Berkut eram uma força policial especial com uma longa história de brutalidade, abuso, tortura e outras medidas a serviço de qualquer regime político que esteja no controle da Ucrânia (Tropa [...], 2014).

Outro exemplo foi o ataque do *Cyber Berkut* aos sítios da internet do Centro de Excelência Cooperativa de Defesa Cibernética da OTAN (NATO CCDCOE) e da própria OTAN. Os atacantes alegam que essas organizações estavam ajudando o governo ucraniano a “exercer propaganda ativa sobre a população através da mídia de massa e das redes sociais, bloquear fontes objetivas de informação e encobrir as ações criminosas do governo”²⁶ (Lange-Ionatamišvili, 2014, p. 29, tradução nossa). Isso reforçou a narrativa russa de que o Ocidente e a OTAN estariam conspirando contra a Rússia e desenvolvendo capacidades para atacar e prejudicar o país (Lange-Ionatamišvili, 2014).

Com o crescimento das mídias sociais, qualquer usuário de internet possui a capacidade de ser um potencial influenciador digital. O aumento da interação nas redes sociais, combinado com a capacidade de compartilhar, curtir e reagir à informação de diversas maneiras, ampliou significativamente a influência de um usuário comum.

De acordo com Fokin (2016), a Rússia explora essa possibilidade, passando a patrocinar usuários de internet para realizarem o *trolling*, definido como a prática de agir de maneira intencionalmente enganosa na Internet sem nenhum objetivo claro. Associado ao relativo anonimato no espaço cibernético, os *trolls* podem operar misturando-se à multidão, tornando-se difíceis de detectar por pessoas comuns (Jaitner; Mattsson, 2015).

Para potencializar ainda mais os resultados, foram criadas agências especializadas em *trolling*. Fokin (2016, p. 16, tradução nossa) aproveita seu artigo para exemplificar como essas agências atuam:

Em um dia normal de trabalho, os russos devem publicar 50 comentários em artigos de notícias. Cada blogueiro deve manter seis contas no Facebook, publicando pelo menos três postagens por dia e discutindo notícias em grupos ao menos duas vezes por dia. Até o final do primeiro mês, eles devem ter conquistado 500 assinantes e obtido pelo menos cinco postagens sobre cada item por dia. No Twitter, espera-se que os blogueiros gerenciem 10 contas com até 2.000 seguidores e façam postagens 50 vezes por dia²⁷.

²⁶ Do original: “*exert active propaganda on the population via mass media and social networks, block objective sources of information, and cover up the criminal actions of the government*”.

²⁷ Do original: “*On an average working day, the Russians are to post on news articles 50 times. Each blogger is to maintain six Facebook accounts publishing at least three posts a day and discussing the news in groups at least twice a day. By the end of the first month, they are expected to have won 500 subscribers and get at least five posts on each item a day. On Twitter, the bloggers are expected to manage 10 accounts with up to 2 000 followers and tweet 50 times a day*”.

De acordo com Jaitner e Mattsson (2015), há muito tempo se especula que o próprio Kremlin emprega e paga esses *trolls* para disseminar discurso pró-governo e perturbar a oposição. Adiciona também que, em 2014, o Instituto de Pesquisa das Forças de Defesa da Finlândia confirmou a existência de “*trolls* da internet” remunerados, apontando para uma empresa baseada em São Petersburgo.

Ao analisar esses eventos, observamos que as ações cibernéticas desempenham um papel crucial nas OplInfo. No caso do *Cyber Berkut*, suas atividades de ataque cibernético visaram desestabilizar tanto as instituições governamentais ucranianas quanto os governos estrangeiros que apoiavam a Ucrânia, utilizando-se da interceptação e divulgação de comunicações sensíveis para semear desconfiança e desacreditar lideranças.

Essa estratégia se alinha com as definições de ações cibernéticas da doutrina da MB, que enfatizam a importância de desestabilizar ativos informacionais do inimigo e proteger os próprios sistemas. Explorando ainda mais o amplo espectro das OplInfo e das CRI, observamos que o *Cyber Berkut* não apenas executou ações cibernéticas ao atacar infraestruturas críticas, mas também executou OpPsc através da desinformação e propaganda. Ao divulgar gravações comprometedoras, o grupo procurou expor falhas na segurança ocidental e fomentar divisões internas, demonstrando um uso integrado das capacidades cibernéticas para alcançar efeitos psicológicos.

Conforme já definido neste trabalho, as ações cibernéticas são classificadas em ataque, proteção e exploração cibernética, cada uma com objetivos distintos (Brasil, 2018). Ao analisar as três classificações para as ações cibernéticas, pode-se observar uma área a ser aprimorada nas operações cibernéticas russas, qual seja a implementação de medidas mais sofisticadas de proteção cibernética e contrainteligência. Embora tenham sido eficazes em suas operações ofensivas, uma abordagem mais robusta na proteção de suas próprias comunicações e redes poderia ter minimizado o risco de retaliações e exposições indesejadas. Além disso, a integração de campanhas de contrapropaganda²⁸ mais refinadas, que não apenas disseminassem desinformação, mas também reforçassem narrativas pró-Rússia de

²⁸ “Ações para se prevenir, neutralizar ou minimizar os efeitos da propaganda” (Brasil, 2015, p. 73). Por sua vez, propaganda é definida como “difusão de qualquer informação, ideia, doutrina ou apelo especial, visando a influenciar opiniões, gerar emoções, provocar atitudes ou dirigir o comportamento de indivíduos ou grupos sociais, a fim de beneficiar, direta ou indiretamente, quem a promoveu” (Brasil, 2015, p. 226).

maneira mais sutil e convincente, poderia ter aumentado ainda mais a eficácia dessas operações cibernéticas.

Conclui-se, então, que as atividades cibernéticas realizadas pela Rússia e seus aliados demonstraram a capacidade do país de monitorar as intenções de outros governos e atacar sistemas de comunicação e infraestruturas vitais para a defesa e operação da Ucrânia. Isso destaca a crescente relevância do ciberespaço como um campo de batalha estratégico em operações militares e informacionais.

4.2 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao longo da análise do conflito, três CRI ganharam destaque: as operações psicológicas, comunicação social e as ações cibernéticas. As três, por vezes até de forma combinada, foram amplamente empregadas pela Rússia sobre a Ucrânia nos anos de 2013 e 2014, e são pontos importantes na evolução das gerações da guerra e no crescimento do conceito de guerra híbrida.

A análise das OpInfo no conflito demonstra a importância crítica da influência da opinião pública na estratégia russa. Profundamente enraizada na liderança russa, a crença na capacidade de moldar percepções tanto internas quanto externas guiou a execução de operações complexas que envolveram táticas de comunicação social, operações psicológicas e guerra cibernética. Esses esforços foram particularmente evidentes na anexação da Crimeia, onde a manipulação da narrativa foi utilizada para justificar as ações russas e desestabilizar a oposição ucraniana. A capacidade da Rússia de promover sua narrativa através do ciberespaço destacou a eficácia das OpInfo como uma ferramenta estratégica essencial no ambiente operacional moderno.

Essas operações não apenas moldaram percepções locais e globais, mas também influenciaram decisões e comportamentos de maneira significativa. Ao explorar intensivamente as capacidades oferecidas pela tecnologia moderna, a Rússia conseguiu controlar o fluxo de informações e implementar uma guerra pela influência que abrangia desde manipulação da mídia até operações cibernéticas. A análise das CRI empregadas no conflito revela que, para a doutrina da Marinha do Brasil, é vital compreender as implicações dessas estratégias e integrar lições aprendidas para fortalecer suas próprias CRI e defesa cibernética, assegurando uma postura robusta frente aos desafios contemporâneos de guerra informacional.

5 CONCLUSÃO

A análise das Oplnfo durante o conflito entre Rússia e Ucrânia para a anexação da Crimeia em 2014 demonstra claramente o papel central que essas operações podem desempenhar em conflitos contemporâneos. O estudo destacou como a Rússia utilizou uma combinação eficaz de ações cibernéticas, comunicação social e operações psicológicas para desestabilizar a Ucrânia e alcançar seus objetivos estratégicos. A hipótese de que as Oplnfo foram decisivas para o sucesso da Rússia em anexar a Crimeia foi corroborada por várias evidências ao longo desta pesquisa.

Observamos que as Oplnfo russas, ao empregar de forma conjunta mais de uma CRI, moldaram a percepção pública de maneira eficaz, tanto na Crimeia quanto internacionalmente. A propaganda disseminada pela mídia russa e as campanhas de desinformação criaram um ambiente de confusão e incerteza, dificultando a resposta coordenada do governo ucraniano e da comunidade internacional. Esse controle da narrativa foi crucial para minimizar a resistência ucraniana e facilitar a aceitação da anexação da Crimeia.

A comparação das táticas russas com a doutrina brasileira revelou áreas importantes para o aprimoramento das capacidades de Oplnfo da MB. A necessidade de uma abordagem conjunta e integrada que inclua guerra cibernética, comunicação social e operações psicológicas foi evidenciada, assim como a importância de desenvolver estratégias robustas para proteger e influenciar a dimensão informacional.

Cada vez mais, o modo dominante de conflito no mundo deixará de ser os confrontos militares diretos, guiados pelos princípios tradicionais de guerra. Em vez disso, o "conflito" será mais difuso e interdisciplinar, focando mais na psicologia e identidade do que nas forças militares. Embora a guerra ainda possa ocorrer entre Estados, ela também incluirá o controle da mídia, ataques *hackers*, terrorismo, guerra de informação e outras formas de conflito. Portanto, o combate às novas ameaças exige o emprego coordenado das CRI e a dimensão informacional ganha grande relevância para o ambiente operacional atual, já que suas perspectivas física, cognitiva e informacional possuem grande capacidade de influenciar as decisões do inimigo.

Um esforço abrangente de Oplnfo também pode, significativamente, reconduzir ou neutralizar o *modus operandi* de forças hostis. O emprego das CRI possibilita as

condições necessárias para motivar o oponente a desistir de seu intento e, ao mesmo tempo, pode influenciar a opinião pública. A crescente relevância das OplInfo na condução das operações atuais e futuras tem requerido uma constante revisão e adaptação das doutrinas existentes para lidar com novos desafios operacionais.

No Brasil, o desenvolvimento teórico das OplInfo ainda está em sua fase inicial. As CRI existentes na MB (especificamente as operações psicológicas, comunicação social e ações cibernéticas) devem ser integradas ou desenvolvidas de forma mais ampla, permitindo um desenvolvimento efetivo das OplInfo no nível operacional. Observou-se que, no novo ambiente operacional, a utilização das OplInfo é essencial, mas a dependência dos sistemas modernos de informação representa uma grande vulnerabilidade para as Forças Armadas brasileiras. O desenvolvimento de dispositivos de proteção ainda não está no mesmo nível dos sistemas de ataque existentes no mercado. Por isso, é crucial adotar contramedidas para mitigar esses riscos, mantendo a segurança da infraestrutura de informação como uma preocupação constante.

Este estudo procurou ressaltar a relevância crescente das OplInfo em conflitos modernos e suas implicações para a segurança e soberania nacional. A capacidade de manipular informações e influenciar percepções pode ser tão poderosa quanto o uso direto da força militar. Para a Marinha do Brasil, isso implica a necessidade de continuar desenvolvendo e aperfeiçoando suas capacidades de OplInfo, e conseqüentemente suas CRI, garantindo que estejam preparadas para enfrentar ameaças semelhantes no futuro.

Conclui-se, então, que as OplInfo desempenharam um papel crucial no conflito entre Rússia e Ucrânia, evidenciando a importância dessas capacidades em conflitos contemporâneos. A análise de algumas táticas empregadas pela Rússia fornece lições valiosas para a MB, destacando a necessidade de desenvolver estratégias eficazes de OplInfo para proteger a segurança e a soberania nacionais. Este trabalho abre várias possibilidades para pesquisas futuras, incluindo a análise de outros conflitos em que OplInfo foram decisivas e da exploração de novas tecnologias, como inteligência artificial e *big data*²⁹, nas OplInfo.

A pesquisa procurou elucidar a problemática central proposta, confirmando que as OplInfo foram decisivas para o desfecho do conflito e fornecendo importantes lições

²⁹ *Big Data*: conjuntos de dados extremamente amplos e que, por este motivo, necessitam de ferramentas especialmente preparadas para lidar com grandes volumes (Brasil, 2024).

para a MB, que deve adaptar e fortalecer suas doutrinas e capacidades para enfrentar os desafios emergentes no cenário de segurança global.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Kathleen. Understanding and countering hybrid warfare. **Small Wars Journal**, McLean, 2016. Disponível em: <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/understanding-and-countering-hybrid-warfare>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- ALLEN, T. S.; MOORE, A. J. Victory without casualties: Russia's information operations. **Parameters**, Pensilvânia, v. 48, n. 1, p. 59-71, 2018. Disponível em: <https://press.armywarcollege.edu/parameters/vol48/iss1/8/>. Acesso em: 29 jun. 2024
- BARBOZA, Carlos Eduardo de Matos; TEIXEIRA, Luís Henrique Vighi. Resgatando a essência das operações de informação na guerra convencional. **Military Review**, Kansas, p. 2-13, out./dez. 2020. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Barboza-Teixeira-resgatando-a-essencia-das-operacoes-de-informacao-na-guerra-convencional-POR-Q4-2020.pdf>. Acesso em: 30 maio 2024.
- BRASIL. Marinha do Brasil. **EMA-335**: Doutrina de Operações de Informação. Brasília, DF: Estado-Maior da Armada, 2018.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01**: Glossário das Forças Armadas. 5. ed. Brasília, DF: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2015. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35_G01.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. **Dicionário de referência de TIC**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mda/pt-br/aceso-a-informacao/governanca-de-tic/dicionario-de-referencia-de-tic-1#B>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Crimea**. Encyclopedia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Crimea>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da guerra**. Tradução de Teresa Barros Pinto Barroso. Brasília: UNB, 1979.
- FALL, Bernard B. The theory and practice of insurgency and counter-insurgency. **Military Review**, Kansas, p. 40-48, set./out. 2015. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview_20151031_art009.pdf. Acesso em: 26 maio 2024.
- FOKIN, Alexander. **Trolling and Russia's military strategy**. In: INTERNET trolling as a tool of hybrid warfare: the case of Latvia. Letônia: NATO Strategic Communications Centre of Excellence, 2016. p. 6-21. Disponível em:

<https://stratcomcoe.org/publications/internet-trolling-as-a-hybrid-warfare-tool-the-case-of-latvia/160>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GALEOTTI, Mark. Moscow's 'special' forces: an inside look at how Russia's famed Spetsnaz really operate. **Business Insider**, [s. l.], 30 abr. 2023. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/mark-galeotti-putins-wars-book-excerpt-russia-spetsnaz-forces-2023-4?r=US&IR=T>. Acesso em: 13 jul. 2024.

GUNAWAN, Yordan *et al.* The conundrum of Crimea: to whom it belongs to? **Jurnal IUS Kajian Hukum dan Keadilan**, Mataram, v. 8, n. 2, p. 212-224, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29303/ius.v8i2.729>. Acesso em: 23 jul. 2024.

HARDING, Luke; LEWIS, Paul; TRAYNOR, Ian. Ukraine: Russian military intervention would be grave error, US warns: Crimea's key airport and parliament building apparently held by pro-Russian forces as Russian troops mobilise on peninsula. **The Guardian**, Washington, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/feb/28/ukraine-russian-military-intervention-grave-error-us>. Acesso em: 22 jul. 2024.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21 Century the rise of hybrid wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. Disponível em: <https://www.comw.org/qdr/fulltext/0712hoffman.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2024.

JAITNER, Margarita; MATTSSON, Peter A. Russian information warfare of 2014. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CYBER CONFLICT*, 7., 2015, Tallinn. **Anais** [...]. Tallinn: NATO CCDCOE, 2015. p. 39-52. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280564287_Russian_Information_Warfare_of_2014. Acesso em: 24 jun. 2024.

LANGE-IONATAMIŠVILI, Elina. **Analysis of Russia's information campaign against Ukraine**. Riga: NATO Strategic Communications Centre of Excellence, 2014. Disponível em: <https://stratcomcoe.org/publications/analysis-of-russias-information-campaign-against-ukraine/151>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LIND, William S. Understanding fourth generation war. **Military Review**, Kansas, p. 12-16, 2004. Disponível em: <https://www.hsdl.org/?abstract&did=482203>. Acesso em: 29 maio 2024.

MAKIO, Danielle; FUCCILLE, Alexandre. The 2014 Russian invasion of Crimea: identity and geopolitics. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 1-20, nov. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/wHkJyMxCyXS3rBcjkSfFTxr/abstract/?lang=en>. Acesso em: 16 jun. 2024.

MCCLOSKEY, Joseph F. US operations research in World War II. **Operations Research**, Baltimore, v. 35, p. 910-925, dez. 1987. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/inm/oropre/v35y1987i6p910-925.html>. Acesso em: 23 jul. 2024.

MILMO, Dan. Analysts identify top 10 'war myths' of Russia-Ukraine conflict. **The Guardian**, Londres, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/03/russia-ukraine-conflict-top-10-war-myths-newsguard>. Acesso em: 16 jun. 2024.

MULTINATIONAL CAPABILITY DEVELOPMENT CAMPAIGN (MCDC). **Countering hybrid warfare project**: understanding hybrid warfare. [S. l.]: MCDC, 2017. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5a8228a540f0b62305b92caa/dar_mcdc_hybrid_warfare.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

NIMMO, Ben. **Sputnik**: propaganda in a new orbit. Pensilvânia: Center for European Policy Analysis (CEPA), 2016.

PAIVA, Luiz Eduardo Rocha. Guerras de quarta geração ou mais uma falácia travestida de sapiência? *In*: ALSINA JÚNIOR, João Paulo Soares; JOBIM, Nelson A.; ETCHEGOYEN, Sergio W. **Segurança internacional**: perspectivas brasileiras. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 81-96.

PISNIA, Natalka. Why has RT registered as a foreign agent with the US? **BBC Russian News**, Washington, 15 nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-41991683>. Acesso em: 13 jul. 2024.

PLOKHY, Serhii. The return of the empire: the Ukraine crisis in the historical perspective. **South Central Review**, Maryland, v. 35, n. 1, p. 111-126, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/scr.2018.0006>. Acesso em: 23 jul. 2024.

ROBERTS, Dan; TRAYNOR, Ian. US and EU impose sanctions and warn Russia to relent in Ukraine standoff. **The Guardian**, Washington, 6 mar. 2014. Disponível em: <https://amp.theguardian.com/world/2014/mar/06/us-eu-sanctions-obama-russia-ukraine-crimea>. Acesso em: 1 ago. 2024.

ROYAL, Benoit. **A guerra pela opinião pública**. Tradução de Marcelo Oliveira Lopes Serrano. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2019.

SALEM, Harriet. Crimea's leader 'certain' referendum will result in union with Russia: Ukraine faces prospect of division even if Sunday's hastily arranged ballot will go unrecognised by most of the world. **The Guardian**, Bakhchisarai, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/mar/14/crimea-leader-certain-referendum-result-union-russia-ukraine>. Acesso em: 1 ago. 2024.

SHEVCHENKO, Vitaly. "Little green men" or "Russian invaders"? **BBC News**, Londres, 11 abr. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26532154>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SMALE, Alison; SHEAR, Michael D. Russia is ousted from group of 8 by US and Allies. **The New York Times**, Nova Iorque, 24 mar. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/03/25/world/europe/obama-russia-crimea.html>. Acesso em: 1 ago. 2024.

STELTER, Brian. This start-up wants to evaluate your news sources. **CNN Business**, Atlanta, 4 mar. 2018. Disponível em: <https://money.cnn.com/2018/03/04/media/newsguard-steven-brill-gordon-crovitz/index.html>. Acesso em: 13 jul. 2024.

SUBBOTOVSKA, Iulia. Russia's online trolling campaign is now in overdrive. **Business Insider**, [s. l.], 29 maio 2015. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/russias-online-trolling-campaign-is-now-in-overdrive-2015-5?amp>. Acesso em: 1 ago. 2024.

TROPA de elite acusada por massacre na Ucrânia é dissolvida. **BBC Brasil**, São Paulo, 26 fev. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140226_ucrania_berkut_rp. Acesso em: 13 jul. 2024.

UKRAINE crisis: Vladimir Putin signs Russia-Crimea treaty. **BBC News**, Londres, 18 mar. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26630062>. Acesso em: 14 jun. 2024.

UNITED NATIONS (UN). General Assembly. **Resolução A/RES/68/262**. Territorial integrity of Ukraine. Nova Iorque: UN, 2014. Disponível em: <https://documents.un.org/doc/undoc/gen/n13/455/17/pdf/n1345517.pdf?token=aOlzjsJYhE6mxtT7VA&fe=true>. Acesso em: 5 ago. 2024.

WALTZ, Edward. **Information warfare: principles and operations**. Boston: Artech House, 1998.

WINKLER, Jonathan Reed. Information warfare in World War I. **The Journal of Military History**, Maryland, v. 73, n. 3, p. 845-867, jul. 2009. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/270202>. Acesso em: 26 maio 2024.

YEKELCHYK, Serhy. **Ukraine: what everyone needs to know**. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2020.